



**Universidade Federal do Recôncavo
da Bahia**

**Centro de Artes, Humanidades e Letras
Curso Superior de Tecnologia Em Gestão Pública**



THAILA MARIANA DE JESUS FERREIRA

**CASTELÃO ALÉM DAS GRADES
FOTOLIVRO SOBRE O COLÉGIO MUNICIPAL PRESIDENTE CASTELO
BRANCO NO MUNICÍPIO DE POJUCA, BA.**

Nota Técnica

Cachoeira-BA
2022

THAILA MARIANA DE JESUS FERREIRA

**CASTELÃO ALÉM DAS GRADES
FOTOLIVRO SOBRE O COLÉGIO MUNICIPAL PRESIDENTE CASTELO
BRANCO NO MUNICÍPIO DE POJUCA, BA.**

Trabalho de Conclusão de Curso no formato de produto tecnológico (nota técnica e fotolivro) apresentado ao Curso Superior de Tecnologia em Gestão Pública do Centro de Artes, Humanidades e Letras da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como requisito para a obtenção do grau de Tecnólogo em Gestão Pública.

Orientadora: Prof.^a. Dr.^a. Lys Maria Vinhaes Dantas

Cachoeira-BA
2022

THAILA MARIANA DE JESUS FERREIRA

**CASTELÃO ALÉM DAS GRADES: Fotolivro sobre o Colégio Municipal Presidente
Castelo Branco, no município de Pojuca, Ba.**

Trabalho de Conclusão do Curso de Tecnologia em Gestão Pública na modalidade produto
(nota técnica e fotolivro)

Aprovado em 20 de dezembro de 2022

**Olivia Maria
Costa Silveira**

Assinado de forma digital por Olivia
Maria Costa Silveira
DN: c=, o=Olivia Maria Costa Silveira,
email=omaria@igmail.com,
l=Salvador
Dados: 2022.12.28 09:18:53 -0200

Olivia Maria Costa Silveira

Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia
Secretária de Educação do Município de Pojuca, Ba

 Documento assinado digitalmente
VLADIA JAMILE DOS SANTOS JUCÁ
Data: 29/12/2022 16:29:15-0300
Verifique em <https://verificado.gov.br>

Viádia Jamile dos Santos Jucá

Doutora em Saúde Pública pela Universidade Federal da Bahia
Universidade Federal do Ceará

 Documento assinado digitalmente
LYS MARIA VINHAES DANTAS
Data: 11/01/2023 13:48:28-0300
Verifique em <https://verificado.gov.br>

Lys Maria Vinhaes Dantas

Professora orientadora
Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Thaila Mariana de Jesus Ferreira. **Castelão além das grades**. Fotolivro sobre o Colégio Municipal Presidente Castelo Branco no município de Pojuca, Ba. 35 páginas. 2022. Trabalho de Conclusão do Curso de Tecnologia em Gestão Pública na modalidade produto (nota técnica e fotolivro) – Centro de Artes, Humanidades e Letras, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cachoeira, 2022.

RESUMO

Esse trabalho tem como tema central o estigma de violência marcado no Colégio Municipal Presidente Castelo Branco (apelidado de Castelão). Teve objetivo de usar a linguagem fotográfica como forma de restituir uma visão menos estereotipada do Colégio, exaltar a relação entre seus atores e também criar e salvaguardar em um espaço-produto (o fotolivro) a memória de processos, oficinas, e retratos desenvolvidos durante implementação do Projeto Sexto ano, transições e participação: diagnóstico e intervenção no Colégio Municipal Presidente Castelo Branco, apoiado pelas Fundações Itaú Social e Carlos Chagas. A metodologia se baseou nos conceitos de Clifford Geertz (2013), na qual ele separa e avalia em duas etapas distintas a investigação empírica como: "estando lá" (*being there*), "estando aqui" (*being here*), e também a fotografia sendo utilizada como ponto de partida para reflexão e o resultado deles. A coleta de dado foi feita entre os anos de 2019 e 2021 durante a iniciação científica da autora deste trabalho. No referencial teórico foram adotados autores consagrados em discussão de estigma e violência escolar, como Erving Goffman, Miriam Abramovay, Clifford Geertz e outros. Nos resultados pode ser observado, através das leituras e conceitos dos autores, que o Castelão sofre violência, sendo representada através da violência social, e, não sabendo lidar com essa violência, acaba tomando decisões, como é o caso das construções dos muros e do uso de grades, que resultam na reprodução da violência. Ou seja, o Colégio sofre a ação e reproduz a ação. Contudo, da análise das fotografias, é possível perceber que há outras faces para o Colégio e, assim, que há possibilidades de enfrentamento ao estigma de escola violenta.

Palavras-Chave: Estigma; Memória; Violência na Escola.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Vista da entrada do CMPCB, 2019.....	10
Figura 3: Esquema representativo da fotografia.....	13
Figura 5: Primeiro portão de acesso à área compartilhada por escolas, dentre as quais o CMPCB, Pojuca-Ba.....	14
Figura 6: Muro e portão de acesso exclusivos do CMPCB, Pojuca-Ba	15
Figura 7: Vista do pátio interno de entrada do CMPCB para a área externa, Pojuca-Ba	15
Figura 8: Vista da porta de entrada da área interna do CMPCB e da entrada da sua biblioteca, Pojuca-BA.....	16
Figura 9: Vista da entrada da biblioteca do CMPCB, Pojuca-Ba.....	16
Figura 10: Vista da entrada do CMPCB capturada de dentro da biblioteca, Pojuca - BA	17
Figura 11: Vista da parte interna da biblioteca do CMPCB, Pojuca-Ba	17
Figura 12: Visão da biblioteca do CMPCB pelo lado de dentro do portão de entrada ao prédio do Colégio, Pojuca-BA	18
Figura 13: Área interna administrativa do CMPCB, a partir da qual são acessados seus outros espaços. Pojuca-Ba	18
Figura 14: Visão das salas de Diretoria e da Coordenação do CMPCB, Pojuca-BA.....	19
Figura 15 Visão das salas de Recursos e Reuniões do CMPCB, Pojuca-BA.....	19
Figura 16: Pátio de acesso às salas de aula e aos jardins do CMPCB, Pojuca - BA	20
Figura 17: Pavilhão de aulas e área verde do CMPCB, Pojuca-BA.....	20
Figura 18: Segundo pavilhão de aulas e área verde.....	21
Figura 19: Corredor de sala de aulas do CMPCB, Pojuca-BA.....	21
Figura 20: Visão da porta da Sala de Informática do CMPCB, Pojuca - BA.....	22
Figura 21: Detalhes da entrada para a sala de informática do CMPCB, Pojuca - BA ...	22
Figura 22: O processo de criação do fotógrafo, a partir de Kossoy, 2009	24
Figura 23: O processo de criação do Castelão Além das Grades	25
Figura 24: Olhar, ouvir e escrever	26
Figura 25: Elementos Constitutivos Incorporados À Imagem Fotográfica.....	26

SUMÁRIO

I.	INTRODUÇÃO.....	5
II.	CONCEITOS E ABORDAGENS TEÓRICAS	8
2.1	Estigma	8
2.2	A violência na e da escola pública.....	10
2.3	Fotografia e pesquisa científica	12
III.	METODOLOGIA UTILIZADA	13
2.1	Objeto da pesquisa	13
2.2	As etapas do desenvolvimento do fotolivro.....	23
2.3	As questões éticas	28
IV.	O FOTOLIVRO.....	28
V.	PÚBLICO-ALVO.....	29
VI.	STATUS DE DESENVOLVIMENTO	29
VII.	LIMITAÇÕES ENCONTRADAS	29
VIII.	DIVULGAÇÃO DO PRODUTO.....	30
IX.	ORÇAMENTO.....	30
X.	REFERÊNCIAS	32

I. INTRODUÇÃO

“A imagem fotográfica tem múltiplas faces e realidades¹”: é com essa citação que inicio a apresentação do trabalho que foi desenvolvido sobre e para o Colégio Municipal Presidente Castelo Branco, vinculado à rede municipal de Educação de Pojuca, Bahia, localizado na região metropolitana de Salvador, cerca de 67 km de distância da capital baiana, segundo o *site*² da Prefeitura da cidade.

A pesquisa que deu origem a este trabalho foi iniciada em julho de 2019 e surgiu durante a implementação do projeto de pesquisa “Sexto ano, transições e participação: diagnóstico e intervenção no Colégio Municipal Presidente Castelo Branco, Pojuca, Bahia”, junto ao qual realizei meu processo de iniciação científica com o plano de trabalho “Identificação e valorização dos saberes locais em Pojuca – da cidade para o Castelão” entre os anos de 2019 e 2020 e, posteriormente, como voluntária, durante o ano de 2021.

O Projeto Sexto Ano, uma pesquisa-ação realizada em parceria entre a equipe do Colégio, professores e discentes da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia e Universidade Federal do Ceará e a equipe da Secretaria de Educação de Pojuca, foi financiado pela Fundação Carlos Chagas e Itaú Social. Esta equipe, desde o início, apelidou o Colégio de “Castelão”, que é também conhecido por sua sigla: CMPCB.

No início da pesquisa, o CMPCB respondia por aproximadamente 80% de matrícula do Ensino Fundamental Anos Finais da rede pública de ensino, porém, como mostraram os resultados da pesquisa “Sexto ano, transições e participação: diagnóstico e intervenção no Colégio Municipal Presidente Castelo Branco (CMPCB)”, houve um declínio em relação aos números de matriculados no Colégio, pois, como estratégia da gestão educacional, o Ensino Fundamental Anos Finais, antes quase que oferecido exclusivamente pelo CMPCB, passou a ser ofertado em outras escolas municipais.

Há quase 10 anos, o Colégio tem sofrido o estigma de escola violenta, o que, de várias maneiras, tem efeito negativo sobre seus alunos e professores, especialmente os ingressantes. O Colégio se concentra na oferta do Ensino Fundamental Anos Finais e os alunos que entram no 6º ano, oriundos de escolas menores com oferta de Fundamental Anos Iniciais, sofrem o efeito dessa transição, também marcada pelo estigma. De acordo

¹ Boris Kossoy, Realidades e Ficções na Trama Fotográfica, - 4.ed. – São Paulo: Ateliê Editorial, p.131.t

² <https://www.pojuca.ba.gov.br/cidade>. Acesso: 19 de setembro de 2020

com conversas realizadas durante as oficinas de fotografia que ofertamos para os alunos de 6º ano, ficou evidente o preconceito de alunos e de suas famílias, refletido na imagem do Colégio como um espaço violento, pouco acolhedor e no qual não é/seria interessante estudar.

Essa marca que o CMPCB carrega é, em certa medida, uma resposta da sociedade pojuicana a episódios de violência ocorridos no passado recente (como foi o caso de ter havido um porteiro baleado por um aluno ou alunos envolvidos com facções de tráfico de drogas, entre outros). O estereótipo de “escola ruim” se entranhou no imaginário da população pojuicana, amedrontando futuros alunos. Por esta razão, é preciso combatê-lo. Com este objetivo, como trabalho de conclusão de curso, apresento um fotolivro.

O fotolivro tem por objetivo representar atores escolares e, em especial, alunos imersos no ambiente escolar. Para desenvolver o olhar sobre o ambiente e construir uma percepção/composição fotográfica, me perguntei: até que ponto esse ambiente pode funcionar como retrato desses atores escolares? E até que ponto a luz e os elementos, como muros e grades, que estão no espaço no qual eles convivem e trabalham podem influenciar no aumento do estigma de escola violenta?

A partir disso **busquei usar a linguagem fotográfica como forma de restituir uma visão menos estereotipada do Castelão, exaltar a relação entre seus atores e também criar e salvaguardar em um espaço-produto (o fotolivro) a memória de processos, oficinas, e retratos desenvolvidos na implementação do Projeto Sexto Ano.**

A metodologia se baseou nos conceitos de Clifford Geertz (2013), na qual ele separa e avalia em duas etapas distintas a investigação empírica como: "estando lá" (*being there*), que seria o olhar no campo sofrendo a refração da imagem; "estando aqui" (*being here*), que seria o ouvir e escrever quando já se está “no gabinete de trabalho”, analisando os dados coletados de forma etnográfica.

Neste trabalho foram abordados conceitos norteadores para discriminar o olhar analítico buscando identificar os estigmas, especificadamente o de escola violenta, que marcam o CMPCB. De início entendemos que marcas de estigmas eram como sinais utilizados pelos gregos, os quais eram usados para marcar os corpos dos escravos e criminosos para que pudessem ser identificados e evitados na sociedade de acordo com Goffman (1978). Um outro autor que dialoga com o conceito de estigma de Erving Goffman é Ferreira (2012), que discute essa marcação como uma relação negativa entre os atributos invalidantes e os estereótipos correspondentes. O estigma de violência se

constitui através de uma representação alterada e negativa desviando a atenção sobre outros atributos como criatividade e a energia de crianças e jovens, como afirma Ferreira, (2012).

As violências atreladas ao estigma do CMPCB como um todo, seja pela coerção da instituição ao instalar grades e muros (violência da escola), seja como reflexo da violência da que vem pelos dos alunos (violência na escola), reforçam o estigma e não contribuem para sua superação.

As fotografias do **Castelão além das grades**, da forma como apresentadas neste trabalho, são utilizadas como método de documentação e instrumento científico de coleta de dados. Compiladas, se propõem a provocar reflexões sobre o estigma de escola violenta sofrido por algumas escolas públicas, em especial, o CMPCB, e buscam contribuir para a proposição de políticas públicas efetivas que busquem reduzir tal fenômeno e, conseqüentemente, ampliar as possibilidades de permanência e aprendizagem.

Esta nota técnica acompanha o fotolivro Castelão para além das grades e está organizada em oito seções: II. os conceitos e abordagens teóricas que lastraram o trabalho, em especial os conceitos de estigma e de violência, separando a violência na escola da violência da escola; a seção III diz respeito ao detalhamento da metodologia, quando apresento o CMPCB, as etapas que levaram ao fotolivro e as questões éticas respeitadas; na seção IV é apresentado o fotolivro, na V apresento o público alvo a quem este fotolivro se dirige; as seções VI e VII tratam do status de desenvolvimento do produto e das limitações enfrentadas no seu desenvolvimento; a seção VIII trata da divulgação do produto e, para finalizar, a seção IX apresenta o orçamento para o desenvolvimento e impressão do produto. Além dessas oito seções, o texto traz esta Introdução e, ao final, as referências utilizadas.

II. CONCEITOS E ABORDAGENS TEÓRICAS

Nesta seção é abordado e refletido o conceito de estigma, e como ele está marcando o CMPCB, e é feito um levantamento sobre a violência na escola pública.

2.1 Estigma

Para Goffman (1981), a sociedade estabeleceu meios de categorização atribuídos às pessoas na Grécia antiga, onde os gregos marcavam os condenados a fim de serem identificados na sociedade e evitados, a partir dos seus atributos. Nesta questão os atributos são utilizados como uma identidade social ou modelo de separação dos seus membros, o que pode vir a ser a sua “identidade social” carregada de características objetivas (formação escolar e ocupação). Para o autor, o atributo, quando estigmatizado, pode confirmar a normalidade, e ainda assim ele não é capaz de afirmar se é honroso ou desonroso, ou seja, se o estigma pode ser positivo ou negativo.

Ao se deparar com uma realidade fora do padrão vivido por cada um, todos os seres humanos enxergam os seus preconceitos a partir de tal vista, buscando identificar “Qual *status* social?” Isso inclui os julgamentos, ou seja, preconceitos acerca da “honestidade” ou “ocupação”. Todavia, um indivíduo estigmatizado também possui as mesmas projeções ideológicas sobre aqueles que os estão estigmatizando. É importante ressaltar, para uma boa compreensão, uma discussão levantada por Santos (2003) para quem, entre alguns antropólogos, os estigmatizados carregam em si seus próprios códigos culturais e a compreensão do significado expresso pelo outro não é imediata. Há ainda outros pensadores que acreditem que o indivíduo que é estigmatizado se percebe no olhar do diferente e sente o peso, podendo demorar a elaborar o porquê desse olhar. Goffman trata disso quando a instituição é marcada pelo estigma e as pessoas que circulam a instituição também são estigmatizadas, como se passasse por contágio (os alunos são estigmatizados, os professores).

Goffman (1981) ainda ressalta que, quando há a presença desses considerados “normais”, reforça-se o conceito entre auto-exigência e ego e o sentimento de inadequação e ainda poderá ocorrer conseqüentemente o auto-ódio, depreciação, quando esses indivíduos estigmatizados estão frente a frente ao espelho presenciando o sentimento de exigência de adequar-se o mais próximo possível à norma, o que alimenta o mal-estar de ser quem se é.

A relação de *status* social com a estrutura física, discutida por Goffman, traduz o que Zan e Possato (2014) salientam: a estrutura física é materializada nas relações sociais que existem no interior e no imaginário social. Ou seja, como explica Silva (2017), a escola é um componente da sociedade, que como um todo adquire e reflete por um curto espaço de tempo seus hábitos, os quais carregaram do ambiente familiar/social, e adentram os espaços escolares que, para Santos (2001, p. 117) tornam-se o ponto de condensação e explosão da crise econômica, social e política. Quando problemas sociais não são solucionados, quando a violência social não é colocada como ponto de investigação e solucionada, os jovens, conseqüentemente, adentram o espaço escolar e o transformam em um lugar violento, transferindo a “violência social” para “violência escolar”.

Em outras palavras, é o que Goffman (1981) irá chamar de identidade social virtual, ou seja, quando o indivíduo carrega um caráter exigente imputado por um retrospecto em potencial, quando os indivíduos são marcados pelo estigma e carregam atributos negativos. Porém, a própria característica que o indivíduo possa vir a possuir será chamada por Goffman de identidade social real. Assim, os conflitos entre a identidade social virtual em conjunto com as estruturas físicas entram em choque com a identidade social real, transformando o CMPCB em um dispositivo que possibilita hierarquizar os indivíduos. Santos (2001) ainda salienta a importância de se entender “mensagens” — neste trabalho identificados com signos — tais quais os atos escondidos, afirmando-os contra o senso comum o reconhecimento do conflito. Tal percepção torna-se importante para que gestores possam, através de análises, como no caso deste trabalho de conclusão de curso, definir programas e políticas educacionais eficazes para diminuição do estigma violento agregado ao Castelão.

O entendimento do conceito de estigma possibilita a identificação da violência escolar através dele, como será apresentado na seção seguinte. O CMPCB se constitui em uma escola violenta através da própria violência sofrida como violência social, sendo apresentada na escola como violência escolar e refletida no espaço escolar através de muros e grades, passando uma ideia de poder e coerção. Muros estes que se configuram em tomadas de proteção e também como um ato violento.

Em conversas obtidas durante as visitas ao CMPCB, foi observada a vontade de alguns em demolir o Colégio como forma de solução para o problema. Seria a forma correta de combater o estigma ou acentuar a marca dele? Por isso a importância desta

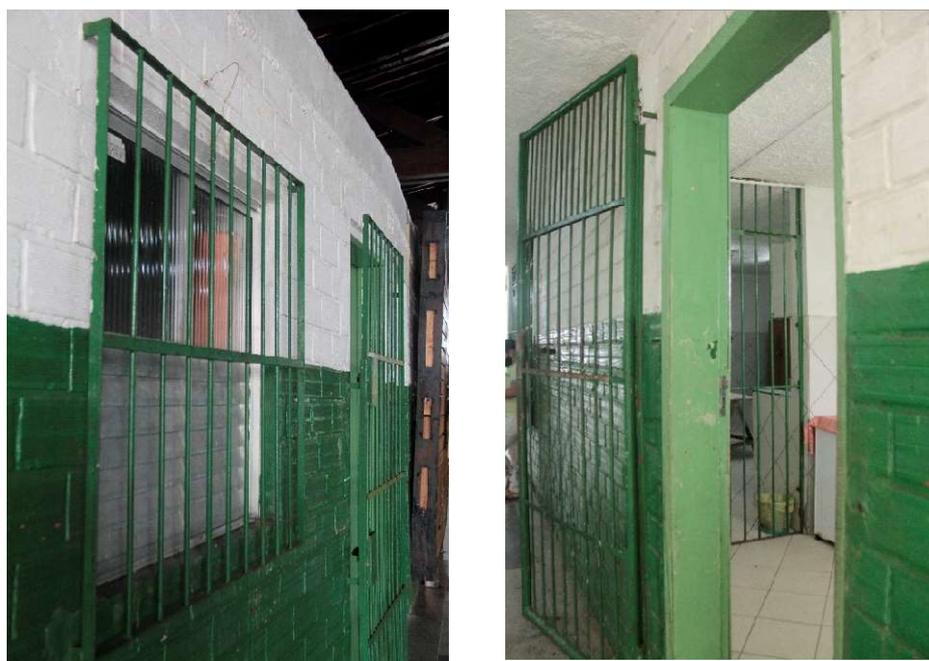
discussão, do projeto como um todo como ferramenta de proporcionar reflexões acerca do tema.

2.2 A violência na e da escola pública

Para a compreensão do conceito de violência, é necessária cautela, pois, para Abramovay (2006), esse conceito é dinâmico, mutável, histórico e relativo. A autora explica que a violência no geral tem sido cada vez mais naturalizada através de comportamentos e práticas sociais passadas despercebidas, mas que ainda assim causam dores e sofrimentos. E lidar com essa violência não é somente entendê-la como problema *stricto sensu*, é o tipo de visão que se tem da sociedade, da educação dos jovens, da cultura e etc. A conversa com a comunidade e a relação da escola com seu entorno são pontos decisivos para qualidade na educação.

Ao observar e analisar a imagem abaixo, da entrada do CMPCB, é possível a identificação de violência no próprio espaço físico escolar. Zan e Possato (2014) afirmam: escolas que parecem cárceres refletem o descaso do poder público e indicam uma conduta coercitiva no controle nas instituições educativas, entendendo-se assim como outras maneiras de percepção da violência.

Figura 1 - Vista da entrada do CMPCB, 2019



Fonte: a autora, 2019

Abramovay (2006) afirma que tanto quem reproduz, tanto quanto aqueles que sofrem, são cúmplices da banalização da violência, pois não percebem que, de tanto sofrerem, passam a conviver sem questionar e sem hierarquizar o vivido e o testemunhado. Não necessariamente se fazem necessárias provas, corpos para configurar algo como violência e neste momento é quando nos violentamos, alterando gostos, hábitos, prazeres, práticas culturais, ou seja, nos disciplinando por medos (Abramovay, 2006, p.54). Tanto a escola absorve a violência refletida da sociedade, como, em consequência disso, como forma de se proteger, acaba também sendo violenta ao implantar sistemas de proteção dando a impressão de se estar em cárcere.

Charlot, 2002, juntamente com outros autores (apud Silva, 2017), separa a violência escolar em:

Violência na escola é aquela que se produz dentro do espaço escolar, sem estar ligada à natureza e às atividades da instituição escolar: quando um bando entra na escola para acertar contas das disputas que são as do bairro, a escola é apenas o lugar de uma violência que teria podido acontecer em qualquer outro local. Violência da escola está ligada à natureza e às atividades da instituição escolar: quando os alunos provocam incêndios, batem nos professores ou os insultam, eles se entregam a violência que visam diretamente à instituição e aqueles que a representam. Essa violência contra a escola deve ser analisada com a violência da escola: uma violência institucional, simbólica, que os próprios jovens suportam através da maneira como a instituição e seus agentes os tratam (modos de composição das classes, de atribuição de notas, de orientação, palavras desdenhosas dos adultos, atos considerados pelos alunos como injustos ou racistas). (CHARLOT, 2002, p. 434 apud SILVA, 2017).

Pode-se compreender a violência abordada nas grades como violência da escola quando há uma violência institucional simbólica, como afirma Charlot, e que para Silva (2017), onde antes poderíamos encontrar acolhimento foi substituído por telas e grades, e especificamente no CMPCB por telas, grades, muros e polícia configurados como medidas coercitivas.

Neste trabalho, para evidenciar as marcas de violência, foi utilizada a fotografia como instrumento de documentação “para descobrir”, ou seja, aquele momento quando foi feita a observação participante interagindo com o objeto de pesquisa, e “para contar”, momento em que foi feita a síntese das fotos tiradas durante os anos (2019-2021) a partir do instrumental teórico e as informações obtidas durante esses anos. Já que a fotografia representa o momento real, pode ser utilizada para destacar aspectos e situações marcantes estudados para dar suporte à reflexão apoiada nas evidências que imagem apresentou (GURAN, 2012).

2.3 Fotografia e pesquisa científica

Para Guran (2012), a fotografia pode ser utilizada para destacar aspectos e situações marcantes e também para dar suporte à reflexão apoiada nas evidências que a própria imagem representa.

A fotografia é um instrumento tecnológico, não é só uma narrativa, ela é técnica também, palpável e aplicável com seus recursos tecnológicos que são utilizados. A fotografia se resume a uma representação daquilo que é considerado “a partir do real”, sob o olhar de quem fotografou. Não há nada que fale mais com as pessoas do que uma fotografia que consiga expressar tudo aquilo que se pode compreender através de conceitos abordados (Figura 22: O processo de criação do fotógrafo, a partir de Kossoy, 2009, p. 24), toda imagem tem uma história por trás que tende a se revelar durante a narrativa. O documento fotográfico é compreendido pelos procedimentos do processo de construção da representação originária. A materialização está na etapa final, sendo elaborado o produto mediante um complexo processo de criação: técnico, estético e cultural. É uma linguagem de impacto banhada de pertencimento e identidade que precisa ser eficiente para transmitir a mensagem.

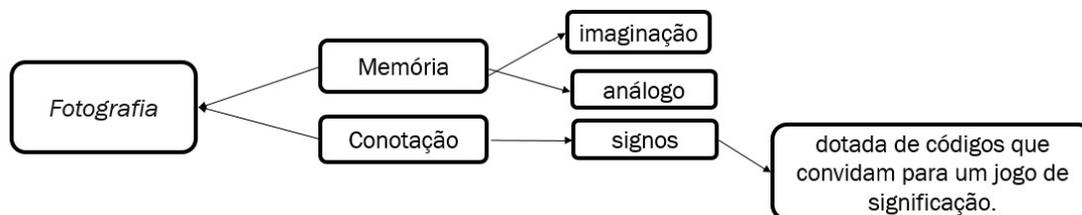
A fotografia não é de fato a realidade, é um recorte no espaço de um tempo que se foi, é a escrita com a luz que possibilita usar a arte e a documentação fotográfica como análise influenciadora sociológica do comportamento humano. Fotografar a vida para além da arte é a utilização da pesquisa científica como forma de compreensão histórica do local onde se vive (GURAN, 2012).

O objetivo do fotolivro é, como já foi dito, usar a linguagem fotográfica como forma de restituir uma visão menos estereotipada do Castelão. Após algumas visitas de campo e coleta de dados, foi observado a marca do estigma encontrado no CMPCB e que, nesse caso, trata-se da violência escolar, o estigma agregado em decorrência disso, identificado através da pesquisa feita através de documentação fotográfica, entre as premissas da articulação do instrumental teórico e metodológico, possibilitando a leitura das imagens com olhares afetivos e críticos para tomada de ações.

A fotografia é uma representação da memória análoga de um tempo que se foi, a partir dela podemos ter uma conotação dotada de signos/códigos que conduz aquele que está a consumir, observar ou analisar a fotografia, representada na figura abaixo. Joly (2012) conclui que um signo só pode ser interpretado como signo se exprimir ideias e fazer

com que possa ser usado como provocativo na mente daqueles que o percebem como interpretativo.

Figura 2: Esquema representativo da fotografia



Fonte: a autora, 2022, a partir de Oliveira,2011

Para elaborar um estudo e análise dos signos observados no CMPCB, foi se constituindo em estudar os diferentes tipos de signos e representações interpretados no interior da escola que levaram as reflexões a cerca da violência a exemplo da construção dos muros, instalação de grades, e através de conversas obtidas em entrevistas semiestruturadas a qual foi relatado episódios violentos dos alunos para com o colégio. O fotógrafo reproduz aquilo que o mundo visível representa para ele, em sua capacidade de capturar e traduzir em imagem seu processo de vislumbramento do objeto a ser estudado. O significado da imagem sempre estará na imagem, porém vai além da imagem (imagem conotativa e imagem denotativa). Para Ribas e Moura (2006) os mediadores são importantes pois são carregados de significação cultural.

Para Guran, 2012, A fotografia pode ser o ponto de partida de uma reflexão antropológica ou resultado dessa reflexão. O fotolivro Castelão além das grades consiste nas duas colocações, como reflexão e resultado.

III. METODOLOGIA UTILIZADA

2.1 Objeto da pesquisa

Com 62 anos de história, o CMPCB foi e ainda é referência histórica da educação municipal em Pojuca. Em resposta a uma percepção de violência, há 10 anos o Colégio tomou medidas de proteção como a construção de muros e implantação de grades nas janelas e portas. Essas medidas, dentre outras, descaracterizam o sentido de uma escola — que temos idealizada no imaginário de uma memória afetiva como acolhedora e afetuosa, ou como Ferreira (2012) irá chamar de “escola normal”.

O CMPCB atende os Anos Finais (6º ao 9º ano), oferecendo vagas para as turmas de ensino regular, Tempo Formativo Juvenil e 2º Tempo Formativo da EJA (Educação de Jovens e Adultos). Funciona nos três turnos: matutino, vespertino e noturno. Acolhe aluno (a)s de 09 a 17 anos, no diurno (ensino regular e Tempo Formativo Juvenil), e entre 15 a 60 anos, no noturno, com turmas de Tempo Formativo Juvenil e de EJA. As questões sociais que permeiam o Município são, portanto, manifestas no espaço escolar, incluindo violência (em suas múltiplas formas de expressão, inclusive a auto infringida), pobreza e vulnerabilidade social. (DANTAS, SILVEIRA, JUCÁ, 2021, P. 40)

O CMPCB fica em uma área compartilhada com outras duas escolas e isolado destas através desses muros altos e portões/grades. Quando finalmente se passa por todos os muros e grades, é possível identificar a biblioteca que fica na entrada do Colégio, ao lado direito do portão de entrada. A entrada da biblioteca é protegida por um portão verde de ferro, uma porta de vidro e uma outra porta de madeira pintada de cinza médio. É neste local que o fotolivro deverá ficar disponível para consultas. As portas e janelas das outras salas de reuniões e diretoria também são protegidas com grades e portões de ferro pintados de verde escuro. As fotografias abaixo servem para expor a representação real do Castelão.

Figura 3: Primeiro portão de acesso à área compartilhada por escolas, dentre as quais o CMPCB, Pojuca-Ba



Fonte: a autora, 2019

Nesse primeiro acesso se encontra o CMPCB e duas outras escolas (uma de anos iniciais e outra escola de educação infantil). Na sequência, há um muro e um portão que dá acesso exclusivo ao CMPCB, área essa onde se encontravam policiais à paisana fazendo ronda durante o início do ano letivo de 2020, dado que, anteriormente, um

porteiro havia sido baleado por um aluno. Em sequência, pode-se observar o muro que o isola das demais escolas e o portão de entrada exclusivo do Colégio.

Figura 4: Muro e portão de acesso exclusivos do CMPCB, Pojuca-Ba



Fonte: a autora, 2019

Na Figura 07, é possível ter a visualização da parte interior para a parte exterior do CMPCB.

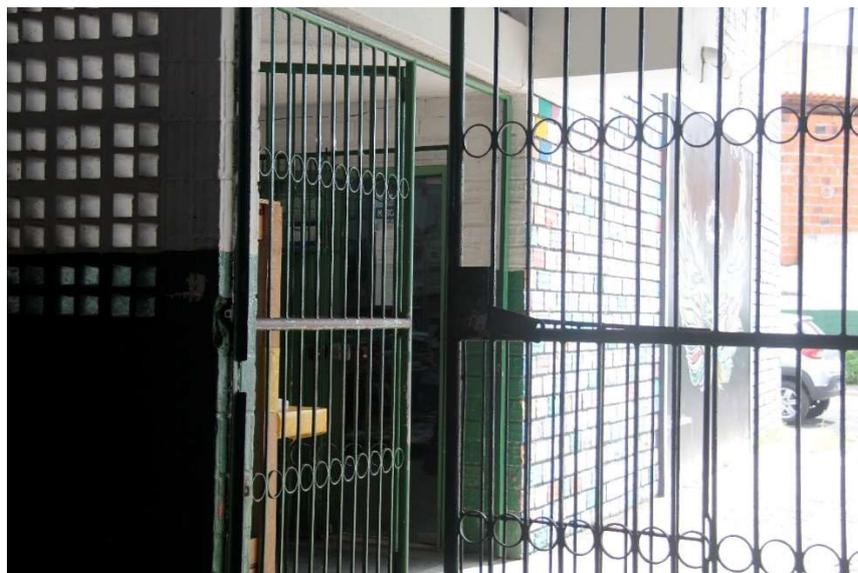
Figura 5: Vista do pátio interno de entrada do CMPCB para a área externa, Pojuca-Ba



Fonte: a autora, 2019

Após a entrada, depara-se com o portão que separa a biblioteca dos outros espaços escolares e que dá acesso ao interior do prédio do CMPCB.

Figura 6: Vista da porta de entrada da área interna do CMPCB e da entrada da sua biblioteca, Pojuca-BA



Fonte: a autora, 2021

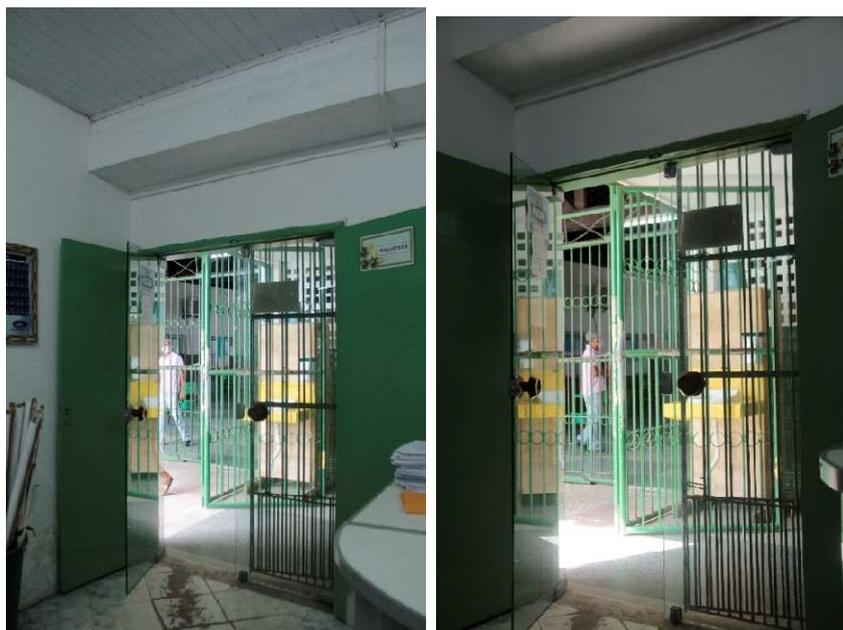
Após passar-se pelo portão de entrada, ao lado direito, tem-se a biblioteca, com um grande portão de ferro, uma porta de vidro e uma porta de madeira, de certo modo nada convidativa, e muito menos se assemelha a um ambiente para estudos. Nas próximas figuras é possível visualizar o interior da biblioteca, com a visão para área externa.

Figura 7: Vista da entrada da biblioteca do CMPCB, Pojuca-Ba



Fonte: a autora, 2021

Figura 8: Vista da entrada do CMPCB capturada de dentro da biblioteca, Pojuca - BA



Fonte: a autora, 2021

Na Figura 11, observa-se o interior da biblioteca, mesmo que o exterior dela não seja tão convidativo reforçando ainda mais o imaginário estigmatizado.

Figura 9: Vista da parte interna da biblioteca do CMPCB, Pojuca-Ba



Fonte: a autora, 2021

A Figura 12 apresenta a visão da biblioteca pelo lado de dentro do 3º portão de entrada.

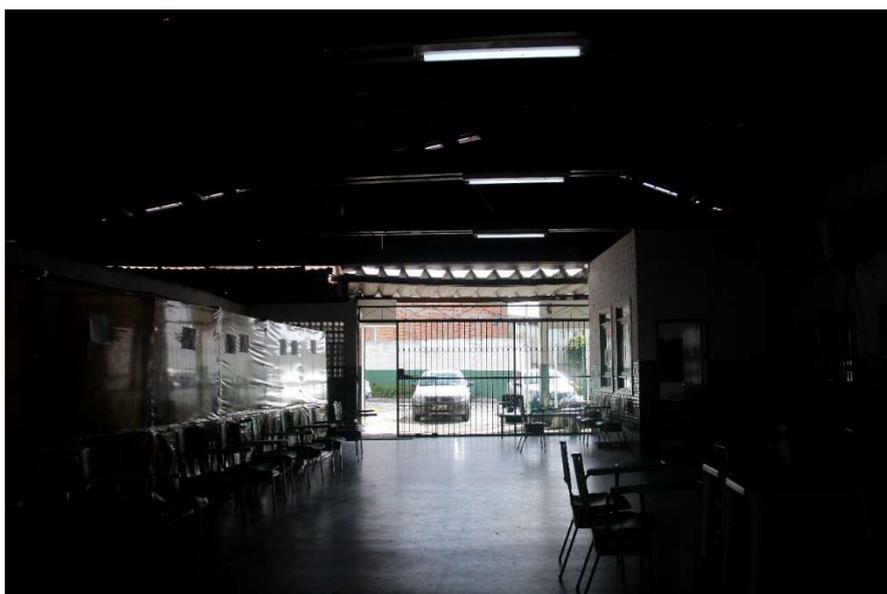
Figura 10: Visão da biblioteca do CMPCB pelo lado de dentro do portão de entrada ao prédio do Colégio, Pojuca-BA



Fonte: a autora, 2021

Após adentrar um pouco mais a escola, esta é a visão da área interna para área externa. A fotografia foi feita em uma visita ao Colégio durante a pandemia COVID-19 e, apesar da pouca luz, é possível observar stands para entrega de material didáticos às famílias.

Figura 11: Área interna administrativa do CMPCB, a partir da qual são acessados seus outros espaços. Pojuca-Ba



Fonte: a autora, 2021

Nesta mesma área é possível identificar salas da diretoria e coordenação com grades e portões de ferro, além de portas de madeira e janelas.

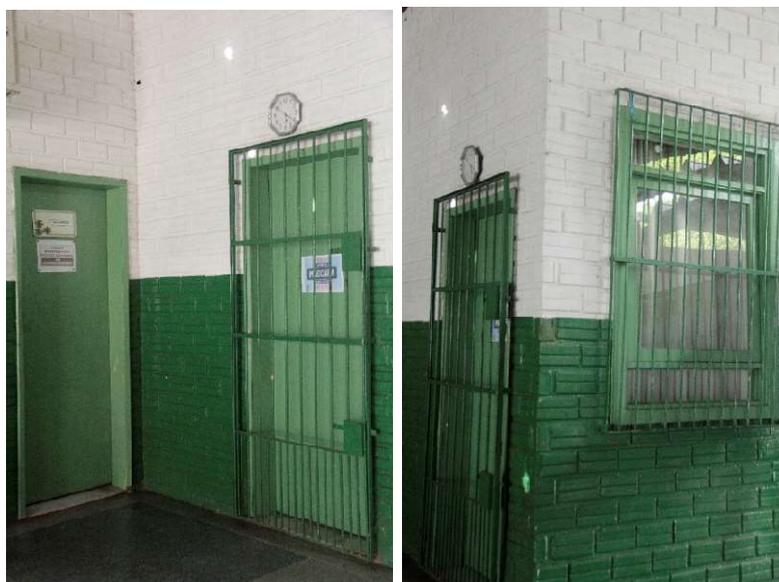
Figura 12: Visão das salas de Diretoria e da Coordenação do CMPCB, Pojuca-BA



Fonte: a autora,2021

Nestas imagens tem-se a sala de recursos e a sala de reuniões apresentando grades e portões em suas portas e janela

Figura 13 Visão das salas de Recursos e Reuniões do CMPCB, Pojuca-BA



Fonte: a autora, 2021

Em sequência à área das salas da administração, encontra-se uma área coberta que faz ligação com as alas de salas de aula e dos jardins do Colégio.

Figura 14: Pátio de acesso às salas de aula e aos jardins do CMPCB, Pojuca - BA



Fonte: a autora, 2021

Esse pátio se abre para um dos pavilhões de aulas e área verde, onde já é possível visualizar a ausência de grades e portões, mas ainda sim com portas de madeira.

Figura 15: Pavilhão de aulas e área verde do CMPCB, Pojuca-BA



Fonte: a autora, 2021

Figura 16: Segundo pavilhão de aulas e área verde.



Fonte: a autora, 2021

Há ainda um corredor em formato de “S”, onde também se encontram as salas de aulas sem grade e também sem portões e ao final a sala de informática gradeada.

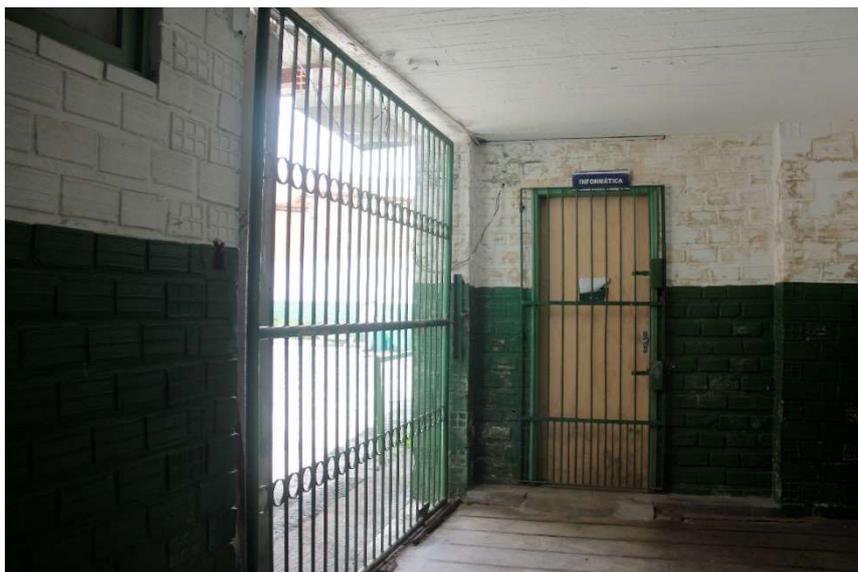
Figura 17: Corredor de sala de aulas do CMPCB, Pojuca-BA



Fonte: a autora, 2021

As figuras 20 e 21 ilustram a sala de informática. Na primeira imagem, ao lado o portão por meio do qual é possível ter visão da entrada do CMPCB, por meio das grades.

Figura 18: Visão da porta da Sala de Informática do CMPCB, Pojuca - BA



Fonte: a autora, 2021

Figura 19: Detalhes da entrada para a sala de informática do CMPCB, Pojuca - BA



Fonte: a autora, 2021

Para Zan e Possato (2014), o espaço físico traduz as relações de poder existentes sendo reflexo do que para Goffman (2008) se configura a forma como a sociedade estabelece meios de categorizar as pessoas. Ao perceber a estruturação do ambiente escolar do Castelão, entende-se o que Zan e Possato (2014) discutem: a organização da arquitetura é igualmente uma organização política.

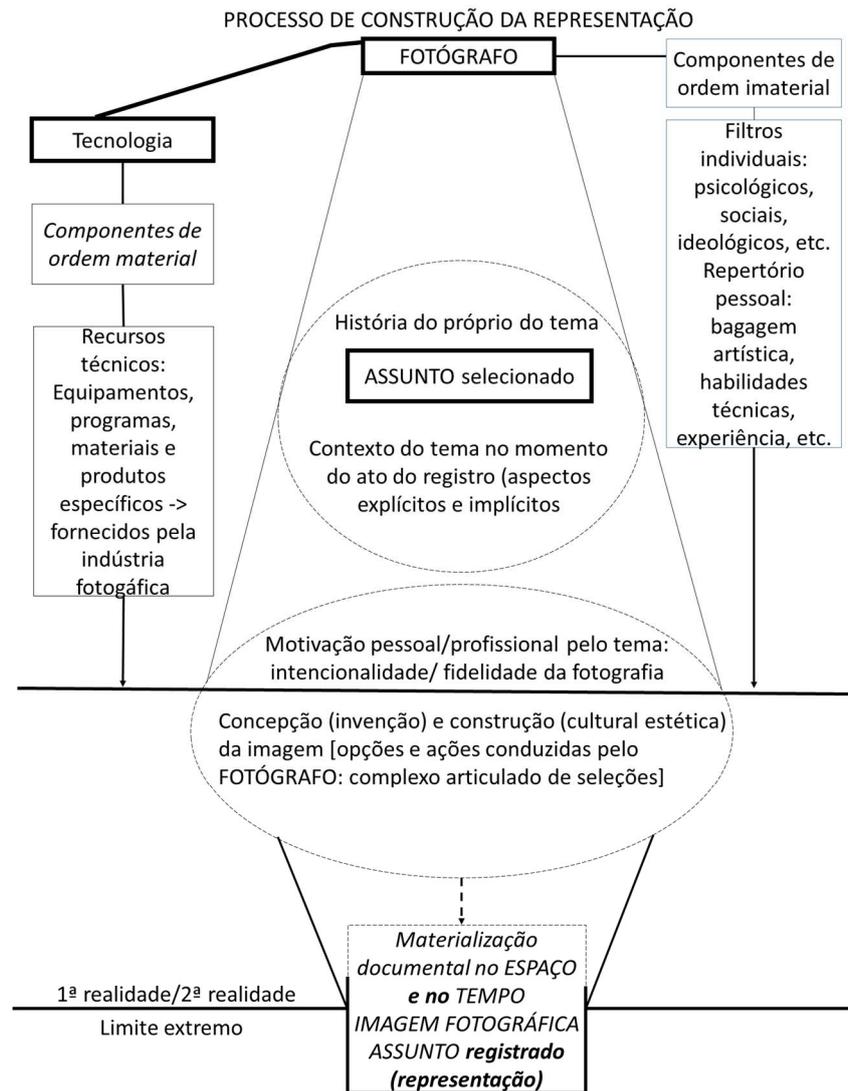
2.2 As etapas do desenvolvimento do fotolivro

Esse trabalho se deu por meio de uma reflexão antropológica (Guran, 2012) tendo a fotografia como ponto de partida e também como resultado, sendo ela utilizada como processos e métodos, como pode ser observado na Figura 22.

Kossoy (2009) explica o processo de inicialização do olhar e percepção do ambiente para iniciar o recorte fotográfico ou, por assim dizer, a composição fotográfica e tornar material a imagem fugaz das coisas do mundo, torná-la, enfim, um documento (Figura 22).

Para isso, é preciso que haja o fotografo, propriamente dito, tendo em sua bagagem a tecnologia utilizada, sendo ela composta pelos componentes de ordem material: recursos técnicos (equipamentos, programas, materiais e produtos). Já os componentes de ordem imaterial necessários para construção contam com filtros individuais: psicológicos, sociais, ideológicos, etc.

Figura 20: O processo de criação do fotógrafo, a partir de Kossoy, 2009



Fonte: Adaptado de Boris Kossoy, 2009, p. 33

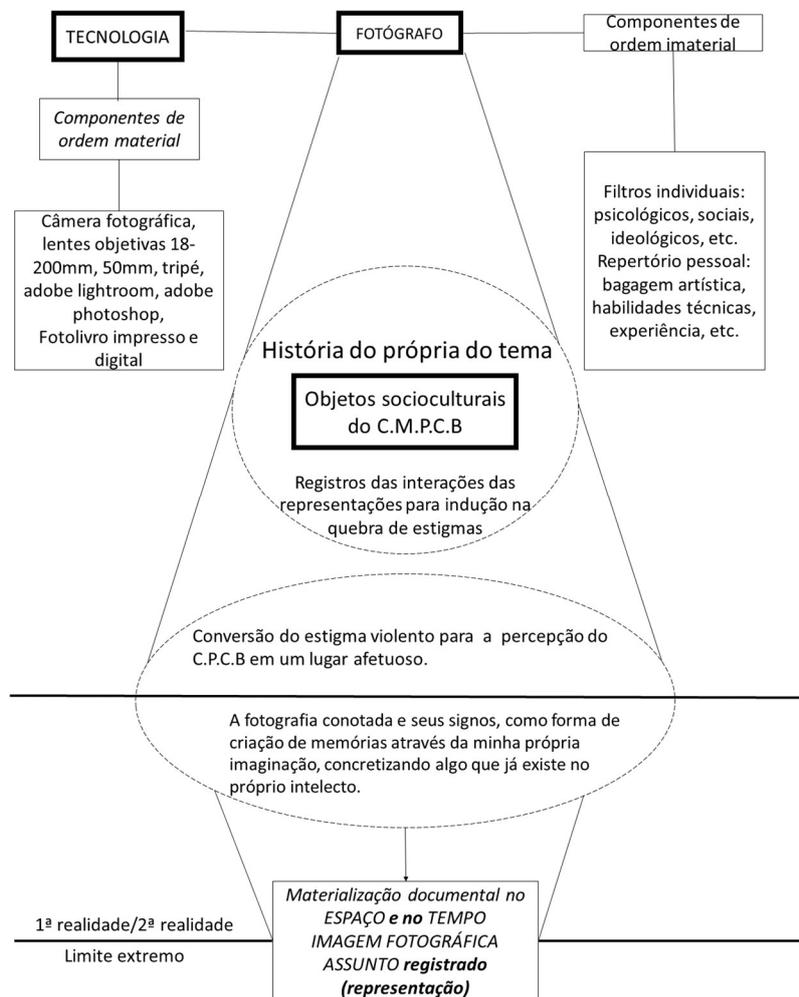
Dentro do seu campo de visão, a fotografia enxerga a história do próprio tema. Dentro dela se encontra o assunto selecionado que construirá a concepção da imagem final que foi partida de uma motivação interior ou exterior, pessoal ou profissional. No caso deste trabalho, a motivação se deu por indução na quebra de estigmas. Ainda na história do próprio tema, apresenta o contexto do tema no momento do ato do registro incluindo os aspectos explícitos e implícitos.

Seguindo a criação da imagem, tem-se a concepção/invenção e a construção, seja ela cultural ou estética da imagem, composta de opções e ações conduzidas pelo próprio fotógrafo constituído de seus complexos articulado de seleções.

Após posicionar-se, o fotógrafo consegue a materialização documental no espaço e no tempo, onde se obtém a imagem fotografia com seu assunto registrado, ou seja, registrando a representação, dentro do limite extremo da realidade.

A figura 23 representa o processo de criação de uma fotografia, tendo como base a representação de Kossoy (2009) que explica e conduz o leitor a entender o processo de como se origina uma composição de imagem, seja ela através de conceitos, de ordem material e imaterial, a motivação pela qual está sendo designada a proposta da representação do mundo real, a concepção cultural e estética e a materialização após o “click” feito.

Figura 21: O processo de criação do Castelão Além das Grades

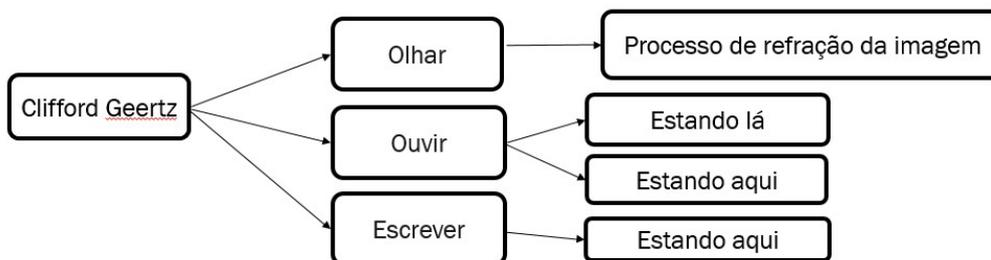


Fonte: A autora, a partir de Kossoy, 2009, p. 33

Partindo da ideia Clifford Geertz (apud Oliveira, 1996) de separar e avaliar, são duas etapas distintas na investigação empírica que o autor separa antropologicamente

como: "estando lá" (*being there*), que seria o olhar no campo sofrendo a refração da imagem, ou seja, o fotógrafo treinado e instrumentalizado biograficamente para localizar no mundo visível aspectos de relevância antropológica; e "estando aqui" (*being here*) que seria o ouvir e escrever, como visto na Figura 24.

Figura 22: Olhar, ouvir e escrever



Fonte: a autora, a partir de Oliveira, 1996

Como já mencionado na Introdução, a ideia de captação das representações surgiu a partir de duas oficinas de fotografia dadas para quatro turmas de alunos do 6º ano, durante os dias 30 e 31 de outubro de 2019, e a partir disso as fotografias foram pensadas no sentido de compor o fotolivro. Mais recentemente, durante a pandemia COVID em 2021, novas fotografias foram feitas, para permitir a finalização do fotolivro.

Foram utilizados os elementos constitutivos e suas coordenadas de situação, componentes que materialmente existem no mundo: o assunto, que é objeto de registro; a tecnologia, que viabilizou tecnicamente os registros; e o fotógrafo, que viabilizou a elaboração através do seu próprio processo cultural, estético e técnico, conforme observado na Figura 25.

Figura 23: Elementos Constitutivos Incorporados À Imagem Fotográfica



Fonte: Adaptado de Boris Kossoy, 2009, p.26

A partir do diagnóstico feito durante as etapas processuais do projeto, foi surgida a proposta do fotolivro. Para materializá-lo, o processo fotográfico foi composto por inúmeras etapas, as quais formaram as seguintes situações:

- a. 11 de Setembro de 2019 – Exploração do campo, conhecimento visual e pequenas entrevistas semiestruturadas com 7º e 8º ano;
- b. 30 a 31 de outubro de 2019 – Oficina de fotografia com 6º ano - quando foi pedido como atividade que fotografassem em trio personalidades, lugares e espaços que pudessem traduzir a narrativa de cada um no ambiente escolar e, em seguida, foi feita uma curadoria das fotos com os próprios autores e selecionado a que mais representasse o grupo;
- c. 20 e 21 de novembro de 2019 – Conhecimento visual da interação dos objetos socioculturais e coleta de dados fotográficos durante o evento do dia da Consciência Negra;
- d. 16 de Julho de 2021 – coleta de dados, elaboração e produção do Castelão em Foco;
- e. 20 de Julho de 2021 - coleta de dados, elaboração e produção do Castelão em Foco;
- f. 26 de julho de 2021 - coleta de dados, reprodução e culminância do projeto castelão em foco;
- g. Participação em oficina de formação: Cultura Memória e Identidade oferecida pela Secretaria de Cultura do Estado da Bahia, SECULT-BA;
- h. Curso de capacitação em Ensino da Arte pelo Ato Fotográfico - Paisagem Revelada oferecida pelo Uiler Costa-Santos da UCS;
- i. Curso de capacitação sobre Fotografias Democráticas ministrado pela União Nacional dos Estudantes, UNE;
- j. I Ciclo de Diálogos Formativos Preconceito e Estigma: Desafios para as Políticas Públicas que foi facilitado por Damião Soares de Almeida Segundo, uma ação vinculada ao Grupo de Pesquisas e Intervenções sobre Violências, Exclusão Social e Subjetivação da Universidade Federal do Ceará.

O processo de criação engloba a aventura estética e cultural e técnicas que originarão a representação fotográfica do momento real. Trabalhar com o invisível e materializar a subjetividade através da fotografia a partir de conceitos estudados e aplicados no olhar e na composição de cada imagem, ou seja, tornar material a imagem fugaz das coisas, ou melhor dizendo, torná-la um documento tecnológico para o Campo de Públicas.

2.3 As questões éticas

As fotografias foram feitas tecnicamente usando a documentação fotográfica como forma de análise criteriosa para ilustrar e não ferir a integridade física de nenhuma pessoa.

Por isso, foi preciso compor as fotografias de modo que não deixassem transparecer quem estava sendo fotografado, mas, ainda assim, representassem aquela cena daquele momento preciso.

IV. O FOTOLIVRO

O fotolivro foi composto por 51 fotos sendo distribuídas em 38 páginas organizadas como:

Capa;

Contracapa;

Página 1 – Folha de Título;

Página 2 – Ficha Técnica;

Página 3 – Expediente;

Páginas 4 – 9 – Apresentação das estruturas do CMPCB refletindo a violência em seus espaços através de grades, muros e portões com uma extrema falta de luz remetendo a cenas carcerárias;

Páginas 10 – 17 – Oficina de fotografia feita com o 6º ano em 2019, mostrando em cores quentes os espaços externos na tentativa de representar relações de uma “escola normal” (FERREIRA, 2012, p. 37);

Páginas 18-19 fazem o contraste com as cores frias, que são mais observadas na escola, juntamente com as grades que agredem violentamente os alunos;

Páginas 20 – 22 seguem retratando a violência nas estruturas que se constituem uma escola, corredores de aula e salas de informática;

Páginas 22 -25 - Representa a Feira de Africanidades realizada em 2019, que, no fotolivro, é reproduzida a modos de como um ator escolar torna-se importante para o desenvolvimento de um espaço acolhedor, sem estar sendo estigmatizado negativamente.

Páginas 23 – 31 – Finalização do projeto Sexto ano, transições e participação: diagnóstico e intervenção no Colégio Municipal Presidente Castelo Branco (CMPCB) com a pintura no muro para o “castelão em foco”.

V. PÚBLICO-ALVO

- i. Comunidade de CMPCB
 - b. Gestão Escolar
 - c. Coordenação Pedagógica
 - d. Professores
 - e. Alunos
- ii. Secretaria de Educação de Pojuca
 - a. Secretária de Educação
 - b. Superintendência administrativa e de gestão escolar
 - c. Superintendência pedagógica
 - d. Supervisão pedagógica
- iii. Gestão Municipal
 - a. Gabinete do prefeito
 - b. Demais secretarias que atuem com a secretaria de educação na construção, reforma e manutenção das escolas
 - c. Assessoria de comunicação

VI. STATUS DE DESENVOLVIMENTO

Processo de confecção e impressão encontra-se em processamento na gráfica da Phooto Brasil para ser entregue no primeiro semestre do ano letivo de 2023.

VII. LIMITAÇÕES ENCONTRADAS

A coleta de dados e confecção das fotografias foram iniciadas em julho de 2019, como dito na metodologia, porém em 2020, sem previsão, a pandemia de Covid-19 paralisou as atividades escolares e acadêmicas e o Projeto Sexto Ano precisou parar a coleta por alguns meses, o que prejudicou a continuidade de confecção e documentação pensados inicialmente. Em junho de 2021, após o começo e o avanço da vacinação, foi possível voltar aos poucos com as coletas de dados para que pudesse ser finalizada a produção fotográfica do Castelão Além das Grades, a documentação fotográfica para análise, e a conclusão tanto do Projeto Sexto Ano, como do trabalho de conclusão de curso.

O fotolivro teve que ser reajustado várias vezes por haver lacunas não previstas em decorrência da paralisação das atividades. Por isto, o trabalho foi repensado para ser concluído, sendo repaginado, tomando um novo rumo.

VIII. DIVULGAÇÃO DO PRODUTO

Pretende-se devolver, apresentar o livro, a concepção de criação do livro para a comunidade do CMPCB e para a Secretaria de Educação, para que seja possível visualizar e refletir acerca da violência social e escolar no Castelão, a fim de gerar um questionamento sobre quais medidas podem ser utilizadas gradativamente para minimizar as marcas de estigma e a dor (mesmo que não seja clara) causadas pela violência.

IX. ORÇAMENTO

Quadro 1: Estimativa de orçamento de gráficas e *software* de edição de imagem

Profissional	Especificação	Uni.	Valor
Adobe Lightroom – Photo Editor & Pro Camera	Software designado a edição rápida e o armazenamento de fotos digitais.	1/ano	R\$ 227,88
Fotolivros Plus FotoRegistro	Tamanho: 30x30x cm (fechado) *Orientação: Quadrado Tipo de capa: capa dura Quantidade de páginas: Inclui 20 págs	02	R\$ 122,45 cada
Fotolivro Capa Dura Phooto	Tamanho: 30x30 cm (fechado) *Orientação: quadrado Tipo de Capa: capa Dura Tipo de Papel: papel Couché Premium 210g Quantidade de Páginas: inclui 24 páginas. Pode ser criado com até 178 páginas.	02	R\$ 399,99
Fotolivro Premium Nicephotos	Tamanho: 30x30 cm Orientação: quadrado Tipo de capa: capa dura e personalizada fosca ou brilho. Abertura panorâmica (180°) Tipo de papel: páginas rígidas em papel couchê laminado Papel: 500m/g ² Páginas: 20	02	R\$ 558,00

Fonte: A autora, 2022

Apesar de ser o segundo orçamento mais caro, foi escolhida a gráfica Phooto pela relevância em descontos, promoções e vantagens disponibilizadas para o cliente.

O quadro abaixo representa os profissionais necessários durante a elaboração, sejam eles diagramadores, designer, e loja gráfica.

Quadro 2: Relação de profissionais necessários durante a elaboração

Profissional	Especificação	Uni.	Valor
Janise dos santos	Jornalista responsável pela diagramação e designer do fotolivro	1/mês	R\$ 500,00 capa R\$ 304,00 38 páginas
Tok Sublime Estamparia	Doação de digitalização dos desenhos em imagens A3	22	R\$ 20,00

Fonte: A autora, 2022

X. REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, Miriam. **Cotidiano das escolas entre violências**. Brasília: UNESCO, Observatório de Violência. Ministério da Educação, 2005. Disponível em <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ue000179.pdf#:~:text=Cotidiano%20das%20escolas%3A%20entre%20viol%C3%A4ncias%20%2F%20Coordenado%20por%20Miriam%20Abramovay.,404%20p>. Acesso em novembro de 2022
- CARTIER-BRESSON, Henri. **O Imaginário Segundo a Natureza**. 1ª Ed. – São Paulo, SP, 2015. 99p
- DANTAS, L. M. V.; SILVEIRA, O. M. C.; JUCÁ, V. J. dos S. **Sexto ano, transições e participação**: diagnóstico e intervenção no Colégio Municipal Presidente Castelo Branco, Pojuca, Bahia. Um projeto de pesquisa-ação. Relatório Final. Pojuca, impresso, 2021
- FERREIRA, A. **Violência e paz na escola: estigma e problemas de entendimento**. In: ANDRADE, F. C. B. (Org.) Escola, faces da violência, faces da paz. João Pessoa: UFPB, 2012, p.35-72
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 1. ed. Rio de Janeiro: Ltc, 2013. 323 p. ISBN 978-85-216-1333-6.
- GOFFMAN, Erving. Estigma: **notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4. ed. Rio de Janeiro, RJ, 2008. 158p
- GURAN, M. **Documentação fotográfica e pesquisa científica: notas e reflexões**. Prêmio Funarte Marc Ferrez de Fotografia, p. 116, 2012.
- JOLY, Martine. **Introdução à Análise da Imagem**. 14. ed. Campinas, SP, 2012. 152p
- KOSSOY, Boris. **Realidades e Ficções na trama fotográfica**. 4.ed. São Paulo, SP, 2009. 153p
- OLIVEIRA, R. C. de. **O trabalho do Antropólogo: olhar, ouvir, escrever**. Revista de Antropologia, [S. l.], v. 39, n. 1, p. 13-37, 1996. DOI: 10.11606/2179-0892.ra.1996.111579. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/111579>. Acesso em: 10 jul. 2022.
- OLIVEIRA, R. L. S. de. **Fotografia e Memória**: a criação de passados. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Dissertação defendida no Programa de Pós-Graduação Linguagens, Memória e Sociedade. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2011. 128p.
- RIBAS, A. F.P.; MOURA, M. L. S. de. **Abordagem sociocultural: algumas vertentes e autores**. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 11, n. 1, p. 129-138. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/fSdQmSWHqQh7dgScTgx3Qyt/abstract/?lang=pt#>. Acesso em 10 de jul. 2022.
- SALLES, L. M. F. S., PAULA, J. M. A.de. **Diferenças, preconceitos e violência no âmbito escolar: algumas reflexões**. Cadernos de Educação. Pelotas, RS. V. 30, n. 1, p.

149 – 166. Janeiro/junho 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/view/1768/1643>. Acesso em: 10 de jul. 2022

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. **Memória Coletiva & Teoria Social**. 1. ed. São Paulo: Annablume, outubro 2003. 210 p. v. 1. ISBN 85-7419-374-7.

POZZA, Gustavo Luiz. Fotografia e representação. **ECCOM**, São Paulo, v. 8, ed. 15, p. 73 - 83, janeiro/junho 2017.

SANTOS, José Vicente Tavares dos. **A violência na escola: conflitualidade social e ações civilizatórias**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 27, ed. 1, p. 105-122, janeiro/junho 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/zq4vP9BCQsBDVrD8CHjfBbk/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 21 set. 2022.

SILVA, J. A. da. **VIOLÊNCIA ESCOLAR: desafios ao ensino e a aprendizagem**. ANAIS DO SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO E COLÓQUIO DE PESQUISA, [S. l.], v. 2, n. 11, p. 334-343, 2018. Disponível em: <https://anaisonline.uems.br/index.php/semiedu/article/view/4591>. Acesso em: 12 nov. 2022.

PREFEITURA MUNICIPAL DE POJUCA – BA. **A Cidade Pojuca**. 2022. <https://www.pojuca.ba.gov.br/cidade>. Acesso: 19 de setembro de 2020

ZAN, D.; POSSATO, B. C. **Espaços cerrados: as marcas da violência e do controle na arquitetura das escolas**. Revista e-curriculum, São Paulo, v. 12, n. 3, ed. 1, p. 2176-2191, outubro/dezembro 2014.